

Festa para Noel Rosa emociona Vila

Carlos Rosa



Dona Lindaura Medeiros Rosa, viúva do compositor

O coração de cada um dos moradores de Vila Isabel — considerado o centro da cultura sambista carioca — ficou apertado de saudades ao lembrar os 50 anos da morte de um homem que mais do que ninguém soube expressar através da música as características mais típicas da vida do bairro: Noel de Medeiros Rosa.

Ele parecia ainda viver intensamente na lembrança de cada um daqueles homens e mulheres idosos ou jovens presentes à missa campal rezada na Praça Barão de Drumond por monsenhor Barbosa, pároco de Vila Isabel.

— Meu companheiro de boemia deve estar feliz onde estiver, vendo tantas homenagens por sua dedicação à música popular brasileira — disse o ex-professor de música do Colégio Pedro II Homero Dornellas, 85, mais conhecido no meio musical como Candoca da Anunciação.

Foi Homero quem escreveu as partituras das músicas *Com que roupa* e *Eu vou para Vila*, pois, segundo ele, “Noel não sabia passar para o papel a música que criava. Eu era uma espécie de taquígrafo dos seus sambas. Não deixava passar nada com medo de ele esquecer”.

Homero Dornellas, autor do samba *Na Pavuna*, foi ontem à Praça Barão de Drumond prestigiar o velho amigo. Andava de um lado para outro, carregando sob o braço uma pastinha azul repleta de recortes de revistas e jornais antigos sobre Noel Rosa e partituras musicais. Com saudade dos velhos tempos da gloriosa boemia, Candoca da Anunciação lembrou as farras que Noel fazia até altas horas da madrugada.

Com as mãos trêmulas e a voz rouca de emoção, dona Lindaura Medeiros Rosa, viúva de Noel Rosa, depositou vários buquês de flores no monumento que homenageia o sambista na Praça Barão

de Drumond. Num elegante vestido estampado, meias brancas e *scarpin* preto, Lindaura cumprimentava os conhecidos e brincava com as criancinhas da creche Noel Rosa que estiveram na praça. Foram apenas três anos de convivência — ela casou-se aos 13 e Noel Rosa com 23 —, “o tempo todo só cuidando do meu marido, que já estava doente”, disse ela. As recordações boas ficam por conta de um samba que ele fez em sua homenagem e de alguns momentos de alegria ao lado do grande sambista.

Enquanto as crianças das escolas Equador, Argentina, Noel Rosa e João Alfredo cantavam e declamavam poesias vencedoras de um concurso promovido em homenagem a Noel Rosa e pelos 50 anos de sua morte, o primo do compositor, Jacy Pacheco — seu avô era irmão da avó de Noel Rosa —, de 76 anos, lembrava que durante suas férias no Rio — ele morava em Campos — sempre acompanhava o compositor nas noites de cantoria de bar em bar. Jacy, que tocava piano nas sessões de cinema mudo em Campos, escreveu dois livros sobre Noel Rosa — *Noel Rosa e sua época* e *O cantor da Vila* —, além de algumas matérias sobre ele em jornais.

Quem lembrou um fato curioso sobre os hábitos de Noel foi Dirva Medeiros Neves, uma antiga amiga:

Eu morava em frente ao Clube Flór do Andaraí. De manhã bem cedinho, quando abria a porta para pegar o leite que era entregue de casa em casa pela carrocinha, a garrafa estava vazia. Tinha certeza de que Noel havia bebido todo o leite do meu filho. No dia seguinte, brincava com ele e dizia para parar com as farras até o amanhecer.